



# Os primórdios da Imprensa Campineira

(Conferência pronunciada terça-feira última no Rotary Clube) *Diário do Povo 6.4.58* JOLUMA BRITO

Exmos. Srs. Rotarianos: Honra-me mais uma vez a alta direção desta sociedade concedendo-me instantes para palestra evocativa, quando estamos às vésperas de uma comemoração que, na vida dos séculos, enche de memórias os dias da orgulhosa cidade, que se vai tornando ciclópica e monstruosa em seu desenvolvimento material e cultural, impondo-se com aquele orgulho dos que carinhosamente com o caminhar do tempo, recordam datas centenárias que se repetem em cada setor de sua vida duas vezes secular. Desta vez, a Princesa d'Oeste levanta-se para saudar os pioneiros de sua imprensa, aqueles que ainda hontem, exclamavam no pórtico de seu alvorecer e no berço de seus primeiros ansiosos de liberdade, palavras de fé que vinham alicerçadas no desejo que ficou expresso em suas primeiras gazetas, de quem almejavam defender de pena em riste a vontade soberana dos seus povos, dos que ansiavam viver sem pelas, dos que sonhavam jamais se juntem aos carros do Estado, dos que queriam fugir à fúria e ao imperialismo dos déspotas e dos reis. Quando a imprensa chegou à Campinas era isto um núcleo de população incipiente, cheia de matagais aí, pelo centro da cidade, com pântanos e charcos, de ruas acanhadas, tortuosas, lamacentas no inverno, empoeiradas, no verão, marcadas pelas botas de velhos bandeirantes, que deixavam pelas planuras de Santa Cruz, vestígios de alvoradas que viriam com as luzes da inteligência de seus filhos, espancar as trevas da ignorância. E esta mesma data que se vai festejar em fins desta semana,

teve seu cinquentenário febrilmente comemorado em 4 de abril de 1908, alertada sua lembrança pelo valeroso jornalista que foi Alberto de Faria, levando ao Centro de Ciências, Letras e Artes, naqueles dias, grande parte de nossa população para apreciar na sua mostra de jornais, desde os primeiros números da "Aurora Campineira" seu desejo irreprimível de também vencer em sua caminhada inicial nesse setor com sua transformação de vila em cidade; levantaram-se, então, os campineiros, impulsionados pela marcialidade de suas bandas musicais, que naqueles tempos andaram também, como andarão dentro em poucos dias, acordando os pruridos patrióticos de nossa gente para que se comemorasse data tão impressiva e tão magestosa, determinando o evento de nossa independência espiritual, no campo das letras impressas, pelas guerrilhas, lutas e batalhas que são movidas incessantemente sob o imperio e a magestade da lei, pelos vinte e cinco soldados de Guttenberg. Trata-se, portanto, de uma comemoração his-

tórica a que é evocada nesta noite no Rotary Clube. Em que se recorda, que muito antes da circulação de nossas primeiras fôlhas e periódicos, a primeira das quais impressa na tipografia adquirida por Hércules Florence na Corte do Rio de Janeiro, em 1836, a distribuição de pasquins pela cidade, precursores que foram das fôlhas impressas nas Marinonis e Alouzets, manuscritos constantes e permanentes provocadores de atritos entre nossos avós, desde os primeiros números distribuídos na Capital da Província. Lembra-se que foi o avô do precursor e diretor proprietário do primeiro jornal de feição mais acentuada na vida e na imprensa de Campinas do século passado, o proprietário de um desses pequeninos jornais feitos à mão na provinciana capital paulista, lá pelos idos de 1823. Foi, evidentemente o criador da "Gazeta de Campinas" lançada em 31 de outubro de 1869 o proprietário e dono da cidade. Essa tipografia, que aqui chegou depois da publicação da "Aurora Campineira", logo transformada no "Conservador" pertenceu ao capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques, sogro do poeta das "Estrélas Errantes" e que fôra o fundador do jornal mais do que centenário nos dias de hoje, o "Correio Paulistano" funcionando agora à rua Libero Badaró, e por notável coincidência, note-se, está ele instalado hoje na Capital paulista, em rua que tem o nome da primeira vítima do jornalismo bandeirante naqueles tempos ominosos em que se viviam das perfídias, das intrigas, das emboscadas. Era um desafio constante à mediocridade daquela advertência do alto da fôlha de Badaró, proclamando: "Não temos medo da menor ameaça; aconteça o que acontecer a nossa vereda está marcada e não nos desviemos dela; não há força no mundo que nos possa fazer dobrar, sinão a razão, da justiça e da lei". Dias depois dos primeiros números da sua fôlha, recebia Libero Badaró um tiro no ventre, em plena rua, escrevendo com seu sangue a página primeira e imortal de original aventura do quase virgem jornalismo brasileiro. Campinas, também, a então vila de São Carlos desde esses dias, quando aos paulistas não fôra conferido alnda o direito de ler jornais editados no estrangeiro, nem o de receber livros que chegassem à pequenina Vila sem receber o beneplácito do governo; quando os acontecimentos sociais eram reproduzidos tanto quanto os religiosos, financeiros e outros quaisquer em serões e residências familiares; nos clubes recreativos ou talvez, em estabelecimentos de uma folha fãlida comerciais; ao tempo em que a futura Campinas não tinha sua redação nas principais oficinas

das farmácias, onde ao lado de remédios e receitas se manipulavam e imprimiam as mais sensacionais notícias; quando contava somente a

pequenina vila de São Carlos com a palavra dos púlpitos para divulgação de notas de maior relevo, ou de atos administrativos que eram difundidos através de "Bandos", anunciados pelo rufar de caixas pelas ruas do vilarejo e afixando-se tais documentos, em seguida e depois de proclamar em viva voz, à porta da casa dos presidentes da Câmara Municipal ou do Senado, como se chamavam ou mais comumente, editais esses colados na igreja matriz de Santa Cruz, ou seja a do Carmo atual, já desde antes desse tempo, em 1822 havia seu povo pronunciado em gesto de altivez a sua independência de caráter e de belicoidade através da palavra escrita, com a divulgação de um pasquim que causou revolta entre os políticos da época. Assim, na antiga freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Campinhos do Mato Grosso tivemos essa primeira manifestação do espírito irrequieto de velhos caminheiros que andou no manuscrito de mãos em mãos desde que fôra apanhado à porta da igreja, pelo Padre Francisco Fernandes Novaes até chegar ao conhecimento do governo da Província. Estavamos, então, a 3 de dezembro de 1822. Alguns anos mais tarde, em 1829 voltavam as autoridades campineiras a abrir processo contra o capitão de ordenanças Joaquim da Silva Leme por motivo de injúria já agora impressa no "Farol Paulistano", o primeiro processo que se originou no país de Barreto Leme, formando-se, por isso, um sumário acusatório, sem grandes consequências. Anos depois, de sua mudança para Campinas aparece o verdadeiro criador do primeiro jornal impresso que tivemos, Hércules Florence publicando seus "Anúncios", cujo único exemplar que quase cem anos aqui me fôra dado como presente pelo saudoso mestre e crônista Leopoldo Amaral, ofereci ao Museu do Bosque Municipal, onde até hoje, penso, lá se encontra. Hércules Florence, em 20 de maio de 1832 montava a sua autografia à rua do Rosario, hoje Francisco Glicerio, por meio da qual "imprimirá" afirmava ele: "seus escritos e desenhos, conforme rezava ofício enviado a edilidade. Depois da vinda da primeira tipografia, com tipos de verdade, chumbo e prelo também de verdade, de ferro, movido à mão, Campinas pôde ver em letra de fôrma e publicados seus primeiros editais e noticiários e notas e comentários e anúncios. Foi essa mesma tipografia que em 1842, pouco antes do Combate da Venda Grande, transportada com todo seu material para

a cidade paulista de Sorocaba, onde se imprimiria "O Paulista", jornal dos revolucionários comandados pelo denonado sorocabano Rafael Tobias de Aguiar, redigido pelo notabilíssimo jornalista.

Depois do jornal fundado pelos irmãos Francisco Teodoro e João Teodoro da Siqueira e Silva verificou-se que a tipografia onde nascera a "Aurora Campineira", cujo centenário de comemora nesta semana como ponto de partida para a vida da imprensa da cidade viera da fogueira daquela guerra intestina. Estiveram na região da revolução, prelos e tipos, Logo em seguida aparecia a "Aurora Campineira", magnífica aurora na vida de nossa imprensa, marcada por uma série de lutas e incidentes do pequenino jornal instalado na então rua do Portico, hoje a Ferrelha Penteados, n. 17, hoje n. 981, esquina da Bica Grande, chamada em nossos dias Irmã Serafina, e onde a comissão executiva dos festejos do primeiro centenário da imprensa campineira vai afixar nos próximos dias uma placa de bronze, marcando o predio onde se acendeu o estopim de um orgão que combatia de peito aberto tudo quanto fosse contrario aos princípios de liberdade e de justiça. Na história da imprensa de Campinas podemos divisar a frase candente de Garcia Abranches, quando, preso por crime chamado de imprensa em virtude de ter atacado o Governador do Maranhão, exclamava ao oficial que fôra detê-lo em sua residência: — "Olha, não se esqueça de dizer a esse Lobo faminto, a esse Lorde sedento e insaciavel ouroxuga, que enquanto tiver esta Pena hei de desmascará-lo à face da Pátria e da História". Também na tradição da imprensa campineira encontramos outros Garcias Abranches que temperam suas penas de aço nas chamas da fogueira da liberdade, como aconteceu na revolução liberal contra o Marques de Monte Alegre, tendo-as sempre prontas para os debates, as lutas, as porfias e os prelios da inteligência para que possam também afirmar aos despotas que se voltam contra a liberdade de pensamento, que enquanto houver esta imprensa, seus jornalistas não de desmascarar todas as injustiças que se cometerem a face da Pátria e da História. Assim tem sido até agora, senhores, porque as penas de aço da imprensa campineira foram retemperadas no fogo e na forja, na fornalha e nas chamas da revolução liberal dos que escreveram uma página da história de São Paulo no primeiro prelo que se montou na cidade luz fundada por Francisco de Barreto Leme!